

## Comunicação Pública

Vol.13 nº 24 | 2018  
Número não temático

---

Nadar, Félix (2017). *Quando eu Era Fotógrafo* (trad. Inês Dias). Lisboa: Edições Cotovia. (125 páginas). ISBN 978-972-795-377-6

João Tiago Proença

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/2089>  
ISSN: 2183-2269

### Editora

Escola Superior de Comunicação Social

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 Maio 2018.

---

# Nadar, Félix (2017). *Quando eu Era Fotógrafo* (trad. Inês Dias). Lisboa: Edições Cotovia. (125 páginas). ISBN 978-972-795-377-6

João Tiago Proença

---

## REFERÊNCIA

Nadar, Félix (2017). *Quando eu Era Fotógrafo*, (trad. Inês Dias), Lisboa: Edições Cotovia, 125 páginas, ISBN 978-972-795-377-6

- 1 Gaspard-Félix Tournachon (1820-1910) é um *caso*. É um *caso* fotográfico, mas é também um *caso* literário, ainda que menor. Não constitui, por isso, motivo de espanto que esses dois aspetos se casem.
- 2 Filho de boas famílias realistas, dele se esperava uma carreira convencional consagrada à medicina, a que a educação universitária devia abrir as portas. A falência do negócio paterno ditou-lhe outro rumo. Obrigado a interromper os estudos e a encontrar um ganha-pão, Tournachon publica aos 18 anos os seus primeiros artigos, no *Journal et fanal de Commerce* e no *Entr'acte Lyonnais*, assinando já 'Nadar'. Regressado a Paris, estabelece relações com o meio artístico e intelectual boémio e começa a escrever e a desenhar caricaturas para várias publicações da época. Como *bourgeois déclassé* e boémio, Nadar liga-se aos que fustigavam a sociedade urbana recentemente enriquecida e faz parte dos simpatizantes da revolução de 1848. É apenas em 1853 que Nadar, acicatado pelas dificuldades materiais, abre o seu *atelier de photographie*. Persuadido pelo seu amigo Chevette a adoptar a fotografia como *Brotarbeit*, é o mesmo Chevette que lhe indica um amigo que se quer desfazer do equipamento “por algumas centenas de francos”<sup>1</sup>.

- 3 É precisamente a união do aspeto literário e fotográfico que se verifica na obra agora vinda a lume, publicada em 1900, que reúne 14 textos, dos quais são agora traduzidos cinco, e cujo título retoma um trabalho anterior publicado em 1856: *Quand j'étais étudiant*.
- 4 No ateliê desfilam a boémia e a vida cultural da Paris da época; e a imagem que a posteridade guardará de não poucas personalidades será a fixada por Nadar. O retrato de Baudelaire é sem dúvida o caso eminente; mas foram igualmente retratados Eugène Delacroix, Gustave Doré, Meyerbeer, Balzac, Lamartine, Sainte-Beuve, Dumas, Bakunine, Sarah Bernhardt ou Offenbach. O rol é longo e não é certamente a quantidade o que mais importa. Gisèle Freund não hesita em caracterizar Nadar como “artista até à ponta das unhas” (2010: 53) e daí a qualidade artística dos seus retratos. ‘Artista’, afirma Freund, porque desinteressado e fotógrafo antes da massificação industrial da fotografia, condição que impôs a adaptação ao gosto do público, agora mera clientela, como medida de sobrevivência económica. Mas Nadar é também artista porque é um deles; os seus retratados são seus iguais, e essa comunhão primeira explica também o nível artístico dos seus retratos. Claro que a caricatura apurou a sensibilidade de Nadar à expressão do rosto, o que, aliás, se destaca num dos textos do conjunto agora traduzido, “As clientes e os clientes”. Freund, que conhecia o texto de Nadar, pelo menos desde a época em que redigira a tese de doutoramento, fez suas as reflexões sobre o rosto dele constantes: o retratado “quase nunca se reconhece” no retrato<sup>2</sup>.
- 5 A primeira fase de Nadar fotógrafo não lhe trouxe proventos de maior, uma vez que os artistas e intelectuais que fotografava não tinham, tal como ele, meios com que pagar as fotografias. Nadar, que nunca abandonara o desenho e as caricaturas, entrega o ateliê ao seu irmão Adrien e regressa ao jornalismo. Surge, no entanto, algo de novo: o balão aerostático.
- 6 O texto “A fotografia obsidional” (pp. 61-72), em que Nadar descreve o modo de transportar cartas em balão, quando do cerco de Paris pelos prussianos, liga-se também às memórias dessa época, *Sous l'incendie*, obra publicada em 1882. A história da fotografia aérea é contada no texto intitulado “A primeira prova de fotografia aérea” (pp. 21-42), que, além da faceta episódica, é um testemunho temporão das utilizações futuras da fotografia, nomeadamente, como fonte de informações militares e administrativas (cadastro predial). Nadar metera ombros à tarefa de fotografar a partir do ar (com tudo o que isso implicava de dificuldades técnicas, uma vez que era necessário levar todo um laboratório fotográfico) depois de conhecer as experiências dos irmãos Godard. Vítima de entusiasmos fáceis, suportou despesas consideráveis e, no termo da aventura, debateu-se, uma vez mais, com dificuldades financeiras. Teve de voltar ao ateliê e continuar a fotografar como mero expediente económico.
- 7 O volume inclui ainda os textos “Balzac e o daguerrótipo” (pp. 13-20) e “Os primitivos da fotografia” (pp. 73-123). O primeiro descreve com basta ironia o medo que Balzac tinha de ir perdendo a sua “série de espectros, películas infinitesimalmente finas” (p. 17), roubada pela fotografia. O segundo texto constitui uma crónica da fotografia, com referências a pessoas e processos que já não constam sequer das obras mais pormenorizadas da historiografia; proporciona não só um enquadramento da sucessão cronológica da fotografia, como também recupera episódios importantes para a história cultural do século XIX (o caso Ghemar descrito por Nadar nas pp.106-111).
- 8 Este volume faculta ao leitor português (um excelente trabalho da tradutora Inês Dias), um conjunto de textos fundamentais para a história cultural da fotografia; uma iniciativa

que é de saudar e que assinala da melhor maneira o regresso das edições Cotovia a este domínio.

---

## BIBLIOGRAFIA

Freund, G. (2010). *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Veja.

## NOTAS

1. Gisèle Freund conta o caso, apresentando-o como comunicação pessoal do filho de Nadar, cf. Freund (1989: 206, n. 66).
  2. Cf. *inter alia* Gisèle Freund, *Le monde et ma caméra* (Denoël, 1970: 104-105 e 107).
- 

## AUTORES

### **JOÃO TIAGO PROENÇA**

Conselho da União Europeia

LE 09. CD.70

Rue de la Loi/Wetstraat 175

B-1048 Bruxelas – Bélgica

joaotiagoproenca@yahoo.com